

ÚLTIMAS LEMBRANÇAS

Muitas coisas têm sido ditas sobre Jorge Sotomayor, como matemático e como pessoa. Ele será sempre lembrado pela beleza e clareza de raciocínio, pela capacidade de fazer brilhantes exposições, pela habilidade em detectar bons problemas e formulá-los com elegância, pela persistência e habilidade em resolver os problemas que ele formulava, por sua generosidade e sua simplicidade no tratamento com seus colegas e estudantes. Gostaria de acrescentar a todos esses atributos sua dedicação aos seus estudantes, a seriedade que imprimia aos cursos que ensinava e aos projetos que desenvolvia com seus co-autores.

Jorge aposentou-se na USP em 2012. Desde então, ele teve uma posição de professor colaborador no IME-USP, que era renovada a cada dois anos. Esta posição requer que o professor dê um curso por ano e oferece um pagamento simbólico. Ele costumava argumentar que esta atividade era importante, porque dava continuidade ao seu trabalho como cientista: atrair estudantes para sua área de pesquisa. Seu último contrato como professor colaborador foi em 2020. Estávamos morando no Rio de Janeiro desde 2019, mas voltamos para São Paulo em março de 2020 porque ele deveria dar um curso no IME-USP. Ele começou o curso, mas por causa da Pandemia, a Universidade fechou na terceira aula. Então voltamos para o Rio e ele ministrou o curso *online*, via Google Meet. No ano seguinte, 2021, ele propôs um novo curso de pós-graduação, voltado para os alunos de doutorado. Somente um aluno se matriculou no curso, que se estendeu de março a setembro, com duas aulas por semana, de 17h às 19h. Os primeiros sintomas de sua doença apareceram em junho, quando começou a usar oxigênio durante o sono, à noite. O resto do ano foi muito doloroso, tanto para ele como para sua família. Em julho ele passou dez dias hospitalizado, para averiguação da causa de sua perda rápida de peso. Ele tinha perdido 17kg em seis meses e estava pesando 41kg. Entretanto, dar as suas aulas, orientar os estudos daquele seu único aluno, era sagrado para ele. Assim, ele continuou o seu trabalho no hospital, a despeito de sua debilidade, que se agravava dia após dia. As enfermeiras já sabiam que não podiam interromper aquele evento e evitavam entrar em seu quarto nessas ocasiões.

Durante as aulas, ele se esforçava, o máximo que podia, para que seu aluno não descobrisse que ele estava doente e hospitalizado. Porém, numa das vezes, ele precisou ficar acamado, e o estudante percebeu, atrás da cama, o painel característico de um quarto de UTI. _Você está num hospital, exclamou o estudante muito surpreso.

_Sim, eu vim para fazer alguns exames, respondeu Jorge sem dar mais explicações.

Ele terminou seu curso em setembro. Um pouco antes, ele começou a usar oxigênio durante todo o tempo. A fibrose pulmonar dificultava a sua respiração. Os atos de caminhar e de comer lhe causavam falta de ar. Mas ele se recusava a ficar na cama. Eu e minha filha o levávamos para seu escritório, que é contíguo ao nosso quarto, onde ele trabalhava todo o dia recostado num sofá, com o laptop no colo. Mesmo com todas essas limitações ele ministrou todas as aulas e não interrompeu suas pesquisas. Conseguiu terminar os detalhes de um artigo em conjunto com três de seus ex-estudantes, que se tornaram seus amigos, Ronaldo, Débora e Flausino. Costumava falar com eles por telefone. Sua voz era forte e firme, de tal forma que ninguém poderia sequer imaginar quão seriamente ele estava doente.

Quando retornou ao hospital, em novembro, levou seu laptop, com a esperança de poder se comunicar por e-mail com seus amigos e conseguir fazer algum trabalho. Porém, em poucos dias, começou a apresentar alguns lapsos de memória. Aconteceu então que, quando quis usar seu e-mail, ele se deu conta que havia esquecido sua senha para entrar em sua conta. Então contatei Ronaldo, que, depois de algumas tentativas, conseguiu uma nova senha para ele. Infelizmente, quando a nova senha se tornou disponível, já estava muito enfraquecido, e assim não chegou a usá-la.

Durante o período de sua doença ele foi sempre otimista. Nunca o vi desanimado. Estava sempre de bom humor. Trabalhava durante o dia. Depois do jantar assistíamos juntos o Jornal da Cultura e víamos um filme da Netflix ou alguma apresentação da orquestra sinfônica da OSESP. Ao mesmo tempo que sucumbia a cada dia, era admirável a força e coragem que nos passava...

Este homem, inesquecível, me deu o privilégio de partilhar comigo 52 anos de sua vida. Realizou todos os seus sonhos. Tornou-se um cientista renomado, teve seu trabalho reconhecido e respeitado em todo o mundo, contribuiu na formação de dezenas de estudantes e influenciou suas escolhas, constituiu uma família bem estruturada e nos deixou o seu exemplo de vida.

Ele é o Jorge Sotomayor!

Marilda Sotomayor

Escola Brasileira de Economia e Finanças- FGV EPGE e Departamento de Economia, FEA-USP